

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**KAREN CRISTINNE MORAES PIRES BASSETT**

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS NA FORMAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES: UM ESTUDO COM OS MEMBROS DO  
COMITÊ BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Rio de Janeiro

2016

KAREN CRISTINNE MORAES PIRES BASSETT

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS NA FORMAÇÃO  
E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES: UM ESTUDO COM OS MEMBROS DO  
COMITÊ BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. M. a Marianna Zattar.

Rio de Janeiro

2016

B319c

Bassett, Karen Cristinne Moraes Pires.

A competência em informação dos bibliotecários na formação e desenvolvimento de coleções: um estudo com os membros do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções / Karen Cristinne Moraes Pires Bassett. – Rio de Janeiro, 2016.

42f.; il.

Monografia (Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Orientadora: Marianna Zattar.

1. Competência em informação. 2. Formação e desenvolvimento de coleções. 3. Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções. I. Zattar, Marianna. II. Título.

CDU - 025

KAREN CRISTINNE MORAES PIRES BASSETT

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS NA FORMAÇÃO  
E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES: UM ESTUDO COM OS MEMBROS DO  
COMITÊ BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, julho de 2016.

---

Professora Doutora Nysia Oliveira de Sá

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

---

Professora Mestre Nadir Ferreira Alves

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

---

Professora Mestre Marianna Zattar (Orientadora)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

Rio de Janeiro

2016

Ao meu avô José Pires (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por toda sua magnitude, proteção, força e por caminhar sempre ao meu lado.

A minha mãe, Cristina, pelo seu amor, dedicação, proteção e auxílio incondicionais, incentivando meu gosto pela leitura e me encorajando na escolha do curso.

A minha irmã, Rachel, por ser minha maior referência de amor, amizade, força e união. Além de ser o maior presente que a vida me deu.

À minha avó, Lina, pelo seu incansável amor, carinho, cuidado e por sempre me ter em suas orações.

Aos amigos que fiz na faculdade e levarei para a vida toda, Juliana, Luisa, Matheus, Pedro e Rafael por todos os momentos de diversão, carinho e pelo apoio dentro e fora da Universidade.

Aos meus ex-chefes de estágio, Profa. Cristina Paiva do Projeto Biblioteca Viva em Hospitais (IPPMG) e também a Ana, Débora, Dayananda, Cláudia, Cristina, Elizabeth, Eliane e Patrícia do Tribunal Regional Federal (TRF), por compartilharem experiências, por me incentivarem na profissão e pela contribuição para minha formação quanto bibliotecária.

Aos meus professores do Instituto Pio XI e os da graduação do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação que agregaram seus conhecimentos e experiências no meu dia a dia, contribuindo para minha formação pessoal e profissional.

À professora Marianna Zattar, pela colaboração, orientação e paciência durante todo o percurso de desenvolvimento deste trabalho.

“Na vida é preciso ter coragem para ser diferente e competência para fazer a diferença.” (BEIRÃO, 20--).

## RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a competência em informação dos profissionais bibliotecários no processo de desenvolvimento da política sobre formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. Aborda o histórico e as principais orientações dos estudos no contexto teórico da formação e desenvolvimento de coleções. Discorre sobre o histórico e o conceito de competência em informação. Indica a perspectiva da competência em informação do bibliotecário, especialmente na realização da formação e do desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. Seleciona os bibliotecários que compõem o Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC) da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU). Apresenta a justificativa a partir da importância do processo de formação e desenvolvimento de coleções nas bibliotecas e das competências em informação necessárias aos bibliotecários nesse processo. Usa a abordagem metodológica qualitativa realizada a partir dos níveis exploratório e descritivo, elaborada a partir da aplicação de um questionário que teve como objetivo delinear o perfil dos membros do CBDC assim como verificar as necessidades que os mesmos percebem quanto competências que são e podem ser desenvolvidas no processo de formação e desenvolvimento de coleções. Apresenta como resultado as competências em informação necessárias aos bibliotecários no desenvolvimento de coleções e a importância do CBDC no desenvolvimento dessas competências. Conclui sobre a relevância de incluir a competência em informação nas discussões promovidas pelo CBDC de forma a conscientizar os bibliotecários e incentivar o desenvolvimento de pesquisas na área.

**Palavras-chave:** Competência em Informação. Formação e desenvolvimento de coleções. Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções. Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias.



## **ABSTRACT**

This paper presents a study on the information literacy of librarians in the policy development process on training and development of collections in university libraries. It addresses the historical and main orientations of the studies in the theoretical context of the training and development of collections. Discusses the history and concept of information literacy. Indicates the prospect of competing in librarian information, especially in carrying out the training and development of collections in university libraries. Selects librarians that make up the Brazilian Committee Collection Development (CBDC) of the Brazilian Committee of University Libraries (CBBU). It presents the justification from the importance of the process of formation and development of collections in libraries and information skills necessary to librarians in the process. Uses qualitative approach carried from the exploratory and descriptive levels drawn from the application of a questionnaire that aimed to outline the CBDC members profile and to determine the needs that they perceive as skills that are and can be developed in the formation and development of collections. Presents as a result the information skills necessary to librarians in the development of collections and the importance of CBDC in developing these skills. It concludes on the importance of including information literacy in the discussions promoted by CBDC in order to educate librarians and encourage the development of research in the area.

**Keywords:** Information Literacy. Training and development of collections. Collection Development Brazilian Committee. Brazilian Committee of University Libraries.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1	PROBLEMA.....	10
1.2	OBJETIVO GERAL.....	10
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.4	JUSTIFICATIVA.....	11
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	12
<b>2</b>	<b>FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....</b>	<b>13</b>
2.1	POLÍTICA DA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	17
2.2	FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	18
<b>3</b>	<b>COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>30</b>
4.1	CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	30
4.2	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	31
<b>5</b>	<b>COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>
	<b>APÊNDICE A – ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a produção do conhecimento por um processo de aceleração, proporciona uma dificuldade nas bibliotecas de manterem suas publicações sempre atualizadas (MIRANDA, 2007). A crescente troca de informações e a produção de novos conhecimentos compõem um ciclo tão grande de atualizações em pesquisas, estudos, projetos e novas fórmulas, que a capacidade de as acessar constitui-se em um diferencial estratégico para pessoas e organizações.

A nova realidade exige que os indivíduos dominem cada vez mais as metodologias de pesquisa, observando e decifrando realidades, e também, habilitando-se no processo de aprendizagem contínua, o “aprender a aprender”, construindo conhecimentos não só pelas aparências dos fatos, mas por meio de questionamentos e reflexões (LIMA, 2004 apud LECARDELLI, 2006). Com base nessa constatação nota-se a importância de elaborar um estudo sobre a competência em informação dos profissionais bibliotecários que têm como atividade os processos de formação e desenvolvimento de coleções.

A Competência em Informação enquanto área de estudos, ganha cada vez mais espaço por tratar-se de um processo contínuo de incorporação dos fundamentos conceituais e aquisição de habilidades para compreender e interagir com o universo informacional e sua dinâmica. Trata-se de reconhecer quando uma informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar de forma efetiva a informação (DUDZIAK, 2003)

Vergueiro (1989 apud WEITZEL, 2013) ensina que o processo de desenvolvimento de coleções está presente por inteiro em todas as bibliotecas, mas dependendo do tipo de biblioteca, a ênfase dada em cada uma das etapas é determinada, especialmente, pelos objetivos institucionais e o público-alvo. A formação e o desenvolvimento de coleções são imprescindíveis para que as coleções estejam orientadas em equilíbrio com as necessidades informacionais de seus usuários e também ajustadas às possibilidades e recursos das instituições em que estão inseridas, considerando a sua missão no contexto institucional, social e econômico.

Devido a grande dinâmica do conhecimento produzido e aplicado nas universidades, a formação e o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias, segundo Weitzel (2013), envolve muito mais do que se preocupar somente com as novas aquisições, apesar das constantes pressões dessa comunidade nesse sentido. Há também uma necessidade sistemática de avaliar as coleções, de forma que se mantenha o acervo atualizado e preservem-se as

coleções retrospectivas e, principalmente, seja atendida a necessidade de informação da sua comunidade de usuários.

No Brasil, a Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU) é responsável por consolidar a educação continuada dos bibliotecários e representar as Bibliotecas Universitárias junto aos órgãos governamentais e a comunidade científica brasileira, promovendo a formulação de políticas públicas em áreas de interesse, incentivando a cooperação, o compartilhamento, a realização de projetos e pesquisas, a elaboração e editoração de documentos técnico-científicos e a organização de eventos. Já na área de formação e desenvolvimento de coleções, a definição de políticas e diretrizes de atuação para as equipes de desenvolvimento de coleções em todas as esferas (públicas e privadas), é feita pelo Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC), vinculada à CBBU, focando na melhor forma de gerir recursos e desburocratizar processos (COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2012).

Nesse sentido, o bibliotecário, responsável pela formação e desenvolvimento de coleções, precisa desenvolver as competências em informação para que possam agir de forma mais eficiente e eficaz nesse processo. Essas competências tratam-se de uma educação continuada que visam o aprimoramento de suas habilidades para que atendam a necessidade informacional dos usuários (ORELO, 2013). Assim, o presente trabalho encaminha-se para o estudo sobre as competências necessárias a um bibliotecário no processo de formação e desenvolvimento de coleções no contexto da biblioteca universitária.

## 1.1 PROBLEMA

A questão norteadora deste estudo é: quais as habilidades necessárias à competência em informação dos profissionais bibliotecários no processo de desenvolvimento da política sobre formação e desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar um estudo com os membros do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC) sobre a competência em informação exigida aos bibliotecários no processo de formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias.

### 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o objetivo geral, este trabalho tem como objetivos específicos:

- a) apresentar a competência em informação dos bibliotecários;
- b) estudar o processo de formação e desenvolvimento de coleções;
- c) contextualizar as bibliotecas universitárias.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

A sociedade da informação representa um novo paradigma com elevado potencial transformador na organização da sociedade e da economia, já que a realidade social também é afetada pela infraestrutura das informações disponíveis. Nesse contexto, a formação e desenvolvimento de coleções nas bibliotecas passou por mudanças que cada vez mais exigem dos bibliotecários habilidades no desempenho da sua função.

A formação, o desenvolvimento e a organização do acervo são vistos como processos permanentes no qual as atividades de seleção, aquisição e avaliação de materiais devem permanecer em contínua sintonia com as necessidades de informação da comunidade e/ou organização que a unidade de informação está inserida (MIRANDA, 2007). Assim, o estudo sobre a temática sob a perspectiva teórica e prática apresenta-se de suma relevância tanto para o campo de estudos da informação, quanto para a formação da autora do trabalho.

De acordo com a Declaração de Alexandria (2005), a Competência em Informação “[...] capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005 apud VITORINO, 2007). Assim, indica-se a relevância de estudos que orientam a competência em informação dos bibliotecários no sentido de propor oportunidades de aprendizado ao profissional ao longo da vida e promover sua formação continuada, assim como torná-los mais críticos para exercer sua atividade profissional e educacional.

Este trabalho tem por intenção compreender a realidade percebida sob o olhar dos bibliotecários, aprofundando discussões e reflexões sobre a importância de serem competentes em informação principalmente no momento da seleção, aquisição, avaliação e desbastamento do acervo. Trata-se de um olhar que coloca em evidência a perspectiva do bibliotecário em sua prática.

Sob a perspectiva em nível de graduação, acredita-se que este trabalho será fundamental para o entendimento da competência em informação como forma de melhoria na atuação dos bibliotecários, principalmente no processo de formação e desenvolvimento de coleções.

Por fim, indica-se que o presente trabalho também poderá ser uma importante contribuição para os debates realizados pelo Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC) da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), acrescentando um ponto de vista sobre a importância da competência em informação no processo de desenvolvimento de coleções e auxiliando em suas pesquisas sobre as formas mais adequadas de execução deste processo nas bibliotecas universitárias.

## 1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente trabalho está organizado em seis seções primárias textuais contando com essa introdução. A segunda seção discorre sobre a Formação e Desenvolvimento de Coleções apresentando um histórico desta área de estudo, os principais conceitos e abordagens utilizados, assim como a importância do desenvolvimento de uma Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções. Nesta seção discorre-se também sobre como funciona o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias. Na sequência, a terceira seção descreve o histórico da Competência em Informação, a educação continuada dos bibliotecários e o desenvolvimento dessas competências por esses profissionais. Na quarta seção expõem-se os procedimentos metodológicos, o campo da pesquisa, a população e a amostra, assim como a técnica de coleta e análise de dados utilizada. Na quinta seção é apresentada a análise e a discussão dos resultados obtidos no trabalho, relacionando-os com os objetivos propostos e a fundamentação teórica deste trabalho. Na sexta seção discorre-se sobre as considerações finais do trabalho desenvolvido. Nas seções pós-textuais foram apresentadas as referências utilizadas como base para o desenvolvimento deste trabalho e também a estrutura do questionário que fora enviado aos bibliotecários do CBDC.

## 2 FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

De acordo com Weitzel (2002), da Antiguidade até a Idade Moderna, a produção editorial ainda estava em seu estágio inicial, por isso colecionava-se praticamente tudo o que existia disponível. Neste período, o princípio era acumular e armazenar coleções, o que era perfeitamente possível na Idade Média, visto que o volume de obras era muito menor se comparado aos séculos seguintes e havia poucas tecnologias disponíveis para reprodução de documentos.

Na primeira metade do século XVII, período que priorizava a estética, a formação de coleções era considerada a partir dos aspectos religiosos ou relativos à raridade e luxo das obras, sem necessariamente considerar o valor de seu conteúdo. Nesse sentido a biblioteca era vista à margem das atividades domésticas e públicas, como um espaço de curiosidades com obras selecionadas principalmente por colecionadores que valorizavam os elementos extrínsecos, tal como a encadernação, ou ainda com a concepção jesuíta que excluía as obras consideradas heréticas ou profanas e selecionava apenas os livros cristãos (WEITZEL, 2002).

Nesse período, Naudé (1627) apresentou inovações que podem ser relacionadas ao processo de seleção. Para ele, as bibliotecas deveriam adotar critérios de seleção para formar coleções úteis, o que contrariava a concepção de bibliotecas voltadas para a acumulação e armazenamento. Naudé sugeriu ainda que as bibliotecas se integrassem para que, juntas, formassem um conjunto integral e altamente seletivo, representando todas as coleções de todas as bibliotecas - uma ideia inovadora que preconizava o conceito de bibliotecas em redes (WEITZEL, 2012).

A invenção da prensa com tipos móveis por Johannes Gutenberg por volta de 1440 iniciou lentamente a expansão do volume da produção editorial, e, aos poucos, avançou para aquilo que se chama hoje de “explosão da informação” (BURKE, 2002).

Os contemporâneos da época, então, observaram a grandeza de seus efeitos sobre a perspectiva da acumulação e armazenamento exaustivo de coleções em bibliotecas, especialmente a partir do século XVIII (WEITZEL, 2012).

No século XIX surgem os clássicos manuais para formar coleções, dentre os quais se destaca o de Peignot (1823), que apresenta critérios para seleção baseados no valor do conteúdo das obras com o objetivo de controlar a massa documental excessiva. Complementarmente Hesse (1841) defende a importância de orientar a seleção e o descarte, retirando-se as obras inúteis e desatualizadas. Desse modo, a abordagem acumulativa e

exaustiva em relação às coleções foi sendo alterada tendo em vista a necessidade emergente de selecionar as obras de relevância e de qualidade (WEITZEL, 2012).

No século XX, marcado com a especialização das áreas do conhecimento, os grandes investimentos em pesquisa e desenvolvimento e o crescente número de pesquisadores no mundo, o volume de produção editorial aumentou ainda mais, potencializando o cenário delineado no século anterior. Visto isso, avançava-se cada vez a criação de procedimentos que pudessem lidar com tamanha complexidade em relação às coleções em bibliotecas (WEITZEL, 2012).

A literatura especializada, notadamente a norte-americana, atribui como marco dessa nova abordagem os estudos desenvolvidos nos Estados Unidos na década de 1960, onde se percebeu que não era racional adquirir tudo que era produzido. Dessa maneira, propagou-se a valorização do acesso, em alinhamento estratégico com a missão institucional, visando atender às necessidades dos usuários. O termo desenvolvimento de coleções foi, a partir desse momento, consagrado pela literatura especializada para designar os processos e as políticas que envolvem ações em relação às coleções (WEITZEL, 2012).

Na atualidade o desenvolvimento de coleções é o processo de sistematicamente, construir coleções nas bibliotecas e unidades de informação que servirão de estudo, ensino, pesquisa e outras necessidades pertinentes aos usuários. Assim, o desenvolvimento de coleções torna-se o processo de mediação entre os materiais de informação e a comunidade a que serve (DIAS, 2013).

Desenvolver coleções constitui-se em uma das mais importantes atividades da biblioteca e dos bibliotecários, pois é a partir desse desenvolvimento que se provem os recursos informacionais necessários à comunidade. O acervo bibliográfico (ou coleção bibliográfica) trata-se da reunião parcial ou total dos documentos que posteriormente são disponibilizados à comunidade, independentemente do suporte ou formato (impresso, eletrônico ou digital).

É essencial atribuir a importante relevância do desenvolvimento de coleção no processo de planejamento e tomada de decisão em uma biblioteca. Na concepção de Vergueiro (1993 apud DIAS, 2013), o desenvolvimento de coleções deve fazer parte da “divisão funcional da biblioteca”, assim como a catalogação, referência, aquisição e circulação.

O processo de desenvolvimento de coleção inclui a seleção de materiais novos e antigos, o planejamento de estratégias para adquirir e avaliar as coleções, determinando se elas correspondem às necessidades da comunidade usuária. Este processo, portanto, tornou-se



recurso fundamental para que as coleções sejam geridas de acordo com os interesses e o perfil daqueles que necessitam de informações específicas, funcionando como filtro do conhecimento registrado.

Maciel e Mendonça (2006) e Evans (2000) apresentam o processo de desenvolver coleções com base nas seguintes etapas:

- a) Estudo da comunidade;
- b) Políticas de seleção;
- c) Seleção;
- d) Aquisição;
- e) Avaliação;
- f) Desbastamento e descarte.

Cabe ressaltar que essas etapas são interdependentes, na qual cada uma detém seu respectivo processo e política, não sendo possível desprezar nenhuma delas. A ênfase dada em cada uma das etapas é determinada especialmente pelos objetivos institucionais e pelo público alvo (WEITZEL, 2013).

O **Estudo de comunidade** trata-se de uma pesquisa junto à comunidade, analisando e coordenando os aspectos econômicos, sociais e outros aspectos relacionados a mesma. Esta comunidade irá variar para cada tipo de biblioteca. A atividade exige do bibliotecário o conhecimento tanto do público a que se deve servir, principalmente sob o aspecto das necessidades de informação. Vergueiro (1989, p. 30) destaca que:

Uma coleção em seu desenvolvimento deve levar em consideração as necessidades da comunidade de uma maneira ampla e não somente as do usuário real, pois a biblioteca, como uma instituição essencialmente democrática [...] deve atender todos os membros da comunidade, no que diz respeito a suas necessidades informacionais, e não a alguns poucos que, eventualmente, por um motivo ou outro, já se encontram a utilizá-la.

Assim sendo, além de conhecer as necessidades informacionais da comunidade como um todo, é preciso que o bibliotecário defina prioridades de atendimento e prestação de serviço. Como seria, por exemplo, com a consideração do acesso pela comunidade e às outras bibliotecas, de forma que fica implícito o entendimento de que nenhuma coleção poderá satisfazer a totalidade de todas as necessidades informacionais do seu público composto pela comunidade de usuários.

A **Política de Seleção** é o documento que norteará os critérios estabelecidos pelos profissionais levando em consideração a comunidade a que estão servindo, os recursos disponíveis para aquisição e as próprias características do assunto ou material que será selecionado. Essa política será um passo importante e necessário dentro do desenvolvimento de coleções, pois ela extrairá de todo o universo informacional a fração que interessa a biblioteca possuir, transformando um grupo de materiais informacionais em um projeto informacional (WEITZEL, 2013).

A **Seleção** é a escolha que deve ser, primordialmente, guiada pela comunidade a que se pretende atender, além de outros parâmetros como a demanda e a qualidade do material. Essa atividade será diferenciada para cada tipo de público, mas independentemente disso, Vergueiro (1989) mostra que a prática da seleção pode ser resumida em duas etapas, onde, primeiramente, é feita uma lista de itens de interesse da coleção a partir da identificação de materiais feita pelos bibliotecários de acordo com as listas de material corrente, catálogos de editores, bibliografias e outros instrumentos auxiliares da seleção, e as indicações feitas pelos usuários; a segunda etapa trata-se de avaliar cada um dos materiais dessa lista de acordo com as prioridades já antes definidas e com os recursos disponíveis.

A **Aquisição** é uma etapa essencialmente administrativa que tem por objetivo localizar e assegurar a posse dos materiais definidos pela seleção para a biblioteca. Essa etapa não terá ligação direta com a comunidade, pois o foco está na maneira como ela será realizada, possibilitando o acesso mais rápido ao material com o menor custo possível. Para que essa tarefa de tornar realidade às decisões da seleção seja realizada é preciso que se verifique as informações sobre os materiais desejados pela biblioteca, para evitar, por exemplo, duplicatas indesejadas. No caso da aquisição por compra é preciso selecionar o fornecedor mais adequado as necessidades e possibilidades da biblioteca para efetuar o processo de compra dos materiais; incluir a manutenção, manual ou automatizada, de arquivos dos itens selecionados, em processo de aquisição e dos já adquiridos, mantendo e controlando os arquivos necessários; e administrar os recursos disponíveis para utilizá-los da forma mais racional possível (VERGUEIRO, 1989). A aquisição também pode ser realizada pelas doações espontâneas feitas por usuários. Weitzel (2013) enfatiza que o recebimento dessas doações é influenciado por fatores políticos e até emocionais, por isso é importante embasar-se em critérios sólidos ao recusar ou receber doações. A lista desiderata, referendada pela comissão responsável pela seleção, organiza os pedidos provenientes da seleção, e por isso, pode ser fundamental para que o público saiba por exemplo, quais itens não estão disponíveis para compra, incentivando doações de itens que realmente serão importantes. A aquisição por

permuta é uma atividade realizada entre instituições para troca de materiais informacionais de difícil acesso ou esgotados para compra (VERGUEIRO, 1989).

A **Avaliação** envolve o exame e julgamento da coleção de acordo com os objetivos e propósitos estipulados, é a etapa do processo que diagnostica se o desenvolvimento da coleção está ocorrendo da forma prevista. A avaliação permitirá ao bibliotecário verificar se as etapas anteriores do processo de desenvolvimento de coleções estão sendo realizadas com coerência, permitindo também efetuar as necessárias correções (VERGUEIRO, 1989).

O **Desbastamento e/ou descarte** pode ser visto pela seleção negativa dos itens que não farão parte do acervo principal e envolve a retirada definitiva do material da coleção, o descarte. O desbaste pode abranger o deslocamento desse material para locais de menor acesso - para que ocupem o menor espaço possível, mas sejam conservados fisicamente. Esses materiais podem ainda ser retirados do acervo para fins de restauração e conservação, com o objetivo de atender melhor o usuário. As coleções necessitam do desbastamento para se desenvolverem harmoniosamente, sem que alguma das suas partes esteja fora do planejamento da biblioteca (VERGUEIRO, 1989).

As etapas citadas acima não apresentam uma ordem exata para serem executadas. Contudo, deve-se indicar que compõem um processo ininterrupto e cíclico no desenvolvimento de coleções. Trata-se, portanto, de um processo que influencia e é influenciado por muitos fatores externos a ele, e por isso, se torna complexo. Assim, sendo essencial no cotidiano das bibliotecas, pode-se afirmar que é um trabalho de planejamento que exige comprometimento com metodologias (VERGUEIRO, 1989).

## 2.1 POLÍTICA DA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

A política de desenvolvimento de coleções é conceituada por Lima e Figueiredo (1984 apud MIRANDA, 2007, p. 88) como um conjunto de normas e diretrizes que buscam determinar ações, descrever estratégias gerais, estabelecer instrumentos e delimitar critérios para facilitar a tomada de decisão na composição e no desenvolvimento de coleções, em sintonia com os objetivos da instituição, dos diferentes tipos de serviços de informação e dos usuários do sistema.

Trata-se de apontar a filosofia a qual norteará o trabalho bibliotecário em relação à coleção, tornando público o relacionamento entre o desenvolvimento dessa coleção com os objetivos da instituição a que esta vai servir. É essa política que irá descrever o estado geral da coleção, apontando um método de trabalho para a consecução dos objetivos. Ela

funcionará como subsídio ao bibliotecário em sua argumentação em situações como a necessidade de novas aquisições e a recusa de imposições que não são necessárias (VERGUEIRO, 1989).

Uma política eficaz deve conter informações que auxiliarão os bibliotecários, mostrando qual material fará parte da coleção, tanto em termos de conteúdo quanto de formato; quando e sob quais condições esse material poderá entrar no acervo; que necessidades específicas e que parcelas da comunidade ele deve atender; como será avaliada a importância do material para a biblioteca depois de ter sido incorporado a coleção e quando e sob quais condições ele será retirado do acervo (VERGUEIRO, 1989).

Assim, a política irá funcionar como diretriz às decisões do bibliotecário na seleção do material a ser incorporado ao acervo e na administração dos recursos informacionais. É ela que irá prover uma descrição atual da coleção, garantindo a manutenção dos critérios e evitando que a coleção se transforme em um agrupamento desajustado de documentos, apontando o método de trabalho para consecução dos objetivos.

## 2.2 FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas universitárias atuam como órgãos de apoio informacional e seu papel principal é atender as necessidades informacionais da comunidade acadêmica (docentes, discentes e técnicos-administrativos). Ela está inserida nas universidades para dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão, direcionando sua coleção aos conteúdos programáticos ou para projetos acadêmicos dos cursos ministrados. Seus objetivos provêm da finalidade da própria universidade (MIRANDA, 2007).

No contexto em que a informação se multiplica rapidamente, possibilitando a produção de novos conhecimentos, principalmente dentro das universidades, surge a necessidade de sempre manter e desenvolver uma coleção atualizada e adequada que atenda a demanda e as necessidades do público. Nesse cenário, o desenvolvimento de coleções deve ser um processo ininterrupto, permanecendo em constante evolução, e o bibliotecário, por sua vez, precisa redefinir alguns paradigmas, estabelecendo normas para seleção, aquisição e descarte de materiais de acordo com os objetivos dos planos de ensino da instituição. Formar e desenvolver coleções nas bibliotecas universitárias exige a consideração de todos os fatores relevantes aos interesses dessa comunidade, englobando a literatura básica e complementar no

processo de seleção e avaliando a coleção periodicamente para preservar a qualidade e a idoneidade do acervo (MIRANDA, 2007).

No Brasil, as bibliotecas universitárias contam com a Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), criada em 15 de janeiro de 1987, durante a realização do V Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias em Porto Alegre, tem a missão de:

[...] promover a formulação de políticas públicas em áreas de interesse, para incentivar a cooperação, o compartilhamento de serviços e produtos, a realização de projetos e pesquisas, a elaboração e editoração de documentos técnico-científicos, à organização de eventos, visando à consolidação da educação continuada e à representação das Bibliotecas Universitárias junto a órgãos governamentais e a comunidade científica brasileira. (COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2012)

Nas discussões promovidas pelo CBBU, alguns bibliotecários envolvidos com o tema de desenvolvimento de coleções reuniram-se em dezembro de 2013 na cidade do Rio de Janeiro, em evento organizado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) com o objetivo de discutir e unificar os conceitos e terminologias da área. Com o intuito de desenvolver as atividades daqueles bibliotecários, em 21 de março 2014 ocorreu uma reunião na USP (Universidade de São Paulo) com o objetivo de formalizar um grupo de estudos sobre desenvolvimento de coleções, e, nesta ocasião, o então presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), Luiz Vicentino, propôs que fosse estabelecido um comitê vinculado ao CBBU. O grupo de estudos foi formalizado como Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC), passando a ser um órgão representativo nacional para a definição de políticas e diretrizes de atuação para as equipes de desenvolvimento de coleções em todas as esferas (BUENO, 2016).

Destaca-se como iniciativa deste grupo a realização da Mesa Redonda sobre Desenvolvimento de Coleções Eletrônicas em Bibliotecas Universitárias, organizada pelo Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CBG/UFRJ) e o Grupo de Pesquisa de Espaços e Práticas Biblioteconômicas da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO. O evento teve como objetivo a promoção de uma discussão sobre coleções eletrônicas e digitais em bibliotecas universitárias e teve como público-alvo pesquisadores, bibliotecários, professores, estudantes, auxiliares de bibliotecas e outros profissionais atuantes em diversos tipos de unidades de informação. Para isso, foram convidados bibliotecários que compunham o CBDC.

Com base nas discussões apresentadas nos eventos e nas iniciativas desenvolvidas, percebe-se o interesse e a necessidade do reconhecimento das bibliotecas universitárias como espaços sociais organizados para a geração, disseminação e uso da informação, prestando serviços à comunidade acadêmica e responsáveis por integrar os usuários e as fontes de informação. Nesse sentido, destaca-se a participação de órgãos como o CBBU e o CBDC na busca pela excelência dos serviços prestados à comunidade acadêmica, reafirmando a sua função social.

### 3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A expressão *information literacy* surgiu na literatura em 1974 com o relatório *The information service environment relationships and priorities*, produzido pelo bibliotecário Paul Zurkowski. Este relatório descrevia produtos e serviços ofertados por instituições privadas e suas relações com as bibliotecas. O bibliotecário, que na época era presidente da *Information Industry Association*, sugeriu o aprendizado de técnicas e habilidades no uso de ferramentas para acessar a informação, de forma que os recursos informacionais fossem aplicados no cotidiano, iniciando um movimento nacional em direção a *information literacy* (DUDZIAK, 2003, p. 24). Em 1976, o conceito de *information literacy* surgiu com a perspectiva da localização e do uso da informação para a resolução de problemas e tomadas de decisão dentro de uma série de habilidades e conhecimentos as quais estava ligado. Nessa época também, houve a inserção do conceito no contexto da cidadania, que segundo Dudziak (2003), os autores Hamelink e Owens, a avaliaram como instrumento de emancipação política e incluíram a noção dos valores ligados à informação para a cidadania. De acordo com Dudziak (2003), entretanto, essa ênfase só torna a aparecer com autores como Taylor e Garfield em 1979, que consideram a capacitação informacional como o domínio de técnicas e habilidades de uso com ferramentas informacionais para solucionar problemas, abordaram um dos requisitos para a competência. Assim, a década de 1970 foi marcada pelo reconhecimento da informação como elemento essencial para a sociedade e pelo aumento da preocupação com o acesso físico e a organização do número de informações disponibilizadas. Nesse contexto, observou-se que novas habilidades seriam necessárias para que a informação fosse usada de forma eficiente e eficaz, no cenário de mudanças nos sistemas de informação e no papel exercido pelos bibliotecários (DUDZIAK, 2003)

Os anos de 1980 começaram alterando os sistemas de informação e as bibliotecas, influenciados pela ascensão e difusão das tecnologias de informação. A concepção de *information literacy*, emerge com o sentido de capacitação tecnológica da informação e se popularizou que essa capacitação era necessária, mas não havia ainda programas educacionais estruturados. Nessa época, Breivik (apud DUDZIAK, 2003) fez um estudo de usuários e em reação a um relatório governamental americano que ignorava por completo o papel das bibliotecas na educação, divulgou a *Information Power*. Para Breivik, a *information literacy* era um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos de ferramentas e recursos, desenvolvidos a partir de determinadas *attitudes*. Seu trabalho destacou as conexões existentes entre bibliotecas e educação, constituindo um dos primeiros passos em relação à aproximação

e integração do trabalho desenvolvido por bibliotecários e educadores em geral, na implementação de programas educacionais voltados para a *information literacy*. Nessa década destaca-se também a monografia de Karol C. Kuhlthau, publicada em 1987, que amplia o conceito de *information literacy*, lançando bases da educação voltadas para a proficiência investigativa dada pelas bibliotecas do ensino médio, e também, para o amplo acesso aos recursos informacionais a partir das tecnologias de informação. Parte-se de uma proposta que integra a *information literacy* ao currículo de forma que os estudantes usem as tecnologias de informação como ferramentas na busca pelas informações mais apropriadas ao seu aprendizado. Construindo um modelo descritivo dos processos de aprendizado a partir da busca e uso da informação, este foi o trabalho mais proeminente do período. Teve seu foco no ser humano e em seu aprendizado, mostrando que as tecnologias de informação são ferramentas de aprendizado. Posteriormente, Karol prosseguiu com seus estudos, enfatizando a noção de processo cognitivo e definindo a *information literacy* como um modo de aprender, construindo uma alternativa mais voltada para o usuário (DUDZIAK, 2003). A década de 80 também foi marcada pela publicação de dois documentos que destacaram a importância dos programas educacionais na *information literacy* e o papel educacional das bibliotecas acadêmicas na capacitação dos estudantes. O primeiro documento enfatizava a cooperação entre bibliotecários e administradores das universidades, introduzindo o conceito de educação baseada em recursos: o primeiro foi editado por Patricia S. Breivik e E. Gordon Gee, o livro foi intitulado como “*Information literacy: Revolution in the Library*” e via a biblioteca como elemento chave na educação. O segundo documento foi o da *American Library Association* (ALA), elaborado por um grupo de bibliotecários e educadores. Largamente reproduzido e disseminado o relatório ressaltava a importância da *information literacy* para indivíduos, trabalhadores e cidadãos, recomendando um novo modelo de aprendizado que diminuía a lacuna existente entre sala de aula e biblioteca e se tornou uma das definições mais citadas na literatura (DUDZIAK, 2003).

A definição, amplamente aceita nos anos de 1990, publicada pela American Library Association (1989, p. 1 apud Dudziak (2003) sobre ser competente em informação:

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação... Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela. (ALA, 1989 apud DUDZIAK, 2003, p. 26)



Os profissionais da informação voltam-se para *a information literacy* como forma de possibilitar o acesso rápido e fácil ao novo universo informacional, com o objetivo de que os usuários aprendam de forma autônoma. Entretanto, não havia ainda, uma verdadeira mudança de paradigmas, pois muitos bibliotecários utilizavam a expressão apenas como uma terminologia alternativa para a educação de usuários. Nesse contexto, Doyle (apud DUDZIAK, 2003), junto ao grupo criado em resposta as recomendações da ALA, o *National Forum on Information Literacy* (NFIL), buscou uma definição a partir de suas experiências e traçou as diretrizes da *information literacy*, considerando que as habilidades, conhecimentos e valores ligados à informação na resolução de problemas deveriam utilizar o pensamento crítico. O resultado desse relatório norteou o conjunto de metas da *National Educational Goals* de 1990 para o ensino médio. Marcado pela busca de uma fundamentação teórica e metodológica sobre a *information literacy*, o período destacou as atividades básicas de identificar, acessar, avaliar e usar a informação, utilizando o pensamento crítico e criativo do aprendiz. Cristine Bruce (1997apud DUDZIAK, 2003) desenvolveu um estudo sobre o que significaria ser competente em informação a partir das experiências de educadores e profissionais da informação de duas universidades australianas, a tese *Information literacy: a phenomenography*. Para a autora, o desenvolvimento da competência trata-se de uma questão situacional que os sujeitos experimentam. Em 1997, também foi criado o *Institute for information literacy* da *Association of College and Research Libraries* (ACRL) da ALA e com o objetivo de treinar os bibliotecários e dar suporte à implementação de programas educacionais no ensino superior. Em março de 1998, a ALA lançou um relatório de atualização que delineia seis recomendações relativas ao assunto, reafirmando a necessidade de adequação dos sistemas e dos profissionais de informação diante da atual multiplicidade de recursos e fontes informacionais e também, a integração dos ambientes educacional e profissional, atuando de forma interdisciplinar (DUDZIAK, 2003).

De acordo com Dudziak (2003), várias organizações se estabeleceram nos anos de 1990, e a *information literacy* ganhou dimensões universais. O interesse pelo tema tem crescido cada vez mais procurando torná-la acessível a um número cada vez maior de pessoas. Desde os anos 90, de acordo com Dudziak (2003), Cristine Bruce realiza pesquisas importantes sobre o tema e tem publicado diversos trabalhos sobre. O *Institute for information literacy* da ALA – ACRL oferece um programa para treinar e capacitar bibliotecários para que eles multipliquem a *information literacy* em suas instituições. A *Library Instruction Round Table* (LIRT) é uma organização voltada para a *information literacy*, a instrução e orientação

bibliográfica, que recebe suporte da ALA e disponibilizam um *site* com publicações, conferências, comitês e diversos *links* a programas educacionais. Dudziak (2003) também fala que, desde 1991, Hannelore B. Rader, diretora da *Cleveland State University Library*, Ohio, EUA, publica anualmente revisão de artigos sobre a área e afirma que o número de publicações sobre o assunto tem aumentado e se difundido e que há também uma crescente integração e colaboração entre bibliotecários e docentes, principalmente nas universidades, no sentido de implementar de programas educacionais voltados para a *information literacy* (DUDZIAK, 2003).

No Brasil, a *information literacy* foi abordada inicialmente por bibliotecários que estudavam a educação dos usuários nos anos de 1950. Contudo, credita-se à Caregnato a realização de uma pesquisa, em 2000, referindo-se a *Information Literacy* como habilidades informacionais. A autora abordou a *Information Literacy* voltara para “educação de usuários como forma de desenvolver habilidades informacionais nas bibliotecas universitárias e apontar mudanças que surgem a partir da disponibilização da informação digital em rede.” (CAREGNATO, 2000, p. 48 apud ALBA, 2016). Para Caregnato (2000 apud ALBA, 2016) essas habilidades são necessárias para que o usuário utilize, recupere e avalie a informação com discernimento e de forma autônoma e produtiva.

Em outubro de 2009, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, assinou uma proclamação destacando a importância de que todos os cidadãos americanos fossem aptos em habilidades necessárias para usufruir efetivamente da “Era da Informação”. Intitulada “*National Information Literacy Awareness Month, 2009*”. O documento enfatiza a importância do desenvolvimento das habilidades de busca, localização e uso da informação. Na oportunidade, o presidente convoca ainda, todo o povo dos Estados Unidos a reconhecer que a informação desempenha um importante papel no nosso cotidiano e necessita de uma maior compreensão sobre seu impacto.

Os estudos sobre Competência em Informação na literatura brasileira são tratados sob diferentes terminologias, tais como como: competência Informacional, alfabetização informacional, letramento informacional e etc. No entanto, o documento *Overview of Information Literacy Resources Worldwide*, elaborado por Horton Junior e a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em parceria com os pesquisadores em Competência em Informação de cada país, sistematizou os termos oficiais em cada idioma e também as principais fontes de informação sobre a temática. A responsável pela elaboração da lista brasileira foi a pesquisadora Elizabeth Adriana Dudziak e, segundo este documento, a expressão oficial em português do Brasil, é Competência em Informação, o

que havia sido consolidado no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB) (HORTON JUNIOR, 2013; ZATTAR; SÁ, 2015).

Sobre o Congresso indica-se que a realização dos Seminários de Competência em Informação, que promoveram a discussão sobre a temática. Estes seminários originaram documentos que foram divulgados para a sociedade com reflexões, considerações e compromissos discutidos pelos profissionais da área durante os eventos, no sentido de promover a competência em informação no país. Em 2011, durante o XXIV CBBB na cidade de Maceió, foi realizado o I Seminário de Competência em Informação, dando origem à publicação “Declaração de Maceió sobre Competência em Informação” (DECLARAÇÃO..., 2011). Já o II Seminário de Competência em Informação foi realizado em 2013, na cidade de Florianópolis durante o XXV CBBB, com o seguinte tema: “Competência em Informação e as Populações Vulneráveis: de quem é a Responsabilidade?”. A partir dele, foi publicado o “Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias” (MANIFESTO..., 2013). Nessa edição, ainda foi legitimado o uso do termo competência em informação como tradução oficial em português do termo *Information Literacy*. Em 2014, na cidade de Marília, aconteceu o III Seminário de Competência em Informação com o tema “Competência em Informação e Redes de Conhecimento Colaborativo”, originando a publicação da Carta de Marília sobre Competência em Informação (CARTA..., 2014) e legitimando a abreviação CoInfo como oficial para a expressão competência em informação.

Nas edições dos anos de 2014 e 2015 do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), também foram realizadas a primeira e segunda edição dos Seminários sobre Competência em Informação do ENANCIB, respectivamente. Durante o XV ENANCIB no ano de 2014, em Belo Horizonte, com o tema: “Além das ‘nuvens’: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação”, ocorreu o I Seminário sobre Competência em Informação do ENANCIB: integrando as redes de pesquisadores: proposta de monitoramento e intercâmbio de atividades de pesquisa no Brasil. Este Seminário teve o objetivo de refletir, compartilhar e discutir experiências e práticas de pesquisadores da área de Ciência da Informação, articulando a Competência Informacional com as Redes de Conhecimento Colaborativo (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, 2014). Já no XVI ENANCIB, realizado em João Pessoa, em 2015, cujo o tema foi “Informação, Memória

e Patrimônio: do documento às redes”, ocorrendo o II Seminário sobre Competência em Informação do ENANCIB: integrando as redes de pesquisadores: proposta de monitoramento e intercâmbio de atividades de pesquisa no Brasil. O IBICT apresentou o documento “Proposta Inicial de Trabalho do IBICT: Competência em Informação”, dadas as recomendações publicadas no “Relatório Geral do Evento” do I Seminário que foram importantes no fomento e consolidação da competência em informação. (ALBA, 2016)

Ainda em 2015, foi organizada pelo Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CBG/UFRJ) e pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (EB/UNIRIO) a primeira edição do “Fórum sobre Competência em Informação: pesquisas e práticas no Rio de Janeiro”. O objetivo desse fórum foi promover uma experiência de troca de informações sobre a temática (FÓRUM SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, 2015).

No mesmo ano indica-se a realização do *European Conference on Information Literacy* (ECIL2015), organizada pelo *Institute of Information Studies of Tallinn University*<sup>2</sup>, na Estônia com o tema “*Information Literacy in the Green Society*”. Neste evento, foram discutidas as contribuições que a Competência em Informação pode oferecer no debate sobre o desenvolvimento inteligente e sustentável para a sociedade. A quarta edição da ECIL acontecerá em Praga, na República Tcheca em outubro de 2016 com o tema “*Information Literacy in the Inclusive Society*”<sup>3</sup> e será organizada pela *Association of Libraries of Czech Universities* (EUROPEAN CONFERENCE ON INFORMATION LITERACY, 2016 apud ALBA, 2016).

Em 2016, a Seção de Informação e Prospecção Tecnológica (SIPT) do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) em parceria com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) promoveram o I Seminário Temático da Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) de 2016, com o tema “Competência em Informação e Dados de Pesquisa”. O evento contou com a participação de diversos bibliotecários, professores e pesquisadores das áreas que discutiram sobre o cenário e as tendências da Competência em Informação no Brasil.

Apesar da recente inserção da temática no Brasil pode-se notar que de alguns anos para cá houve um significativo crescimento e desenvolvimento de pesquisas e eventos relacionados à área pelos profissionais bibliotecários e pesquisadores. Com efeito, destaca-se que a Competência em Informação ainda é pouco explorada na literatura científica e na prática do campo de estudos da informação e, por isso, necessita que os currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia sejam revisados com o objetivo de formar profissionais

preparados para novas demandas do mercado profissional e que esses profissionais percebam a necessidade do aprendizado contínuo como prática norteadora em sua atuação.

Atualmente, a informação é reconhecida em todos os segmentos da sociedade e se manter informado tornou-se essencial para estar em sintonia com o mundo. Somando a isso, o crescente volume de informações disponibilizadas muitas vezes restringe seu acesso, principalmente na internet, já que faltam habilidades e conhecimentos que auxiliem na filtragem, organização e apropriação da informação diante de um número ilimitado de fontes.

Belluzzo (2005 apud VITORINO, 2007) reforça esse pensamento mostrando que a importância cada vez maior das interações no meio digital e a transição do mundo físico para o virtual conduzem crescentes reflexões sobre quais competências importam desenvolver na sociedade contemporânea. Esse cenário exige que além da simples posse de dados, também aprendamos as habilidades necessárias para adquirir, recolher e avaliar informações para qualquer situação. Este novo tipo de alfabetização também exige competência com as ferramentas de tecnologia da comunicação, incluindo computadores e dispositivos móveis que podem ajudar a tomar decisões no dia-a-dia.

Os chamados “profissionais da informação”, segundo Orelo (2013), podem ser oriundos de vários tipos de formação, desde que tenham como objeto de trabalho a informação. Os mais conhecidos e tradicionais nesse contexto são os bibliotecários, arquivistas e documentalistas (GUINCHAT E MENOU 1994 apud ORELO, 2013, p. 27) que armazenam, organizam, descrevem, indexam e recuperam a informação registrada em diferentes suportes. Para que estes profissionais sejam capazes de operar tudo que se relaciona com a gestão da informação de forma eficiente e eficaz são necessários conhecimentos especializados e outros conhecimentos e habilidades para que possam cumprir seu papel na sociedade e atender as necessidades dos seus usuários.

O bibliotecário, precisa tratar suas competências pessoais e profissionais e manter-se atualizado, liderar e trabalhar em equipe, demonstrar capacidade de análise, síntese, comunicação e negociação, ação ética e senso de organização entre outras. As melhores práticas são incluídas no decorrer do processo, onde incorporando-se diferentes espaços de aprendizagem e também fontes e espaços de conhecimento, é possível visualizar a transdisciplinaridade da competência em informação, avaliar e controlar constantemente o processo em sintonia com os espaços de atuação (VITORINO, 2007).

Alguns autores e entidades internacionais que desenvolvem programas voltados à educação para a Competência em Informação citam algumas considerações importantes para os bibliotecários em relação a esse tema, enfatizando que o profissional deve:

- a) incorporar a competência em informação na rotina para aprendizagem contínua;
  - b) ser um agente educacional facilitador da criatividade e da pesquisa;
  - c) estar inserido no projeto institucional cooperando com outros profissionais
- (VITORINO, 2007).

Para Dudziak (2003) a competência em informação é “[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”. Desta forma, considerando as transformações da sociedade atual diante das inovações sociais, tecnológicas etc. somada ao fato da necessidade de os bibliotecários estarem em constante atualização, é importante compreender quais competências esses bibliotecários podem desenvolver no sentido de aproveitar as oportunidades da sociedade atual de forma que estejam capacitados para enfrentar os desafios econômicos e sociais.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho caracteriza-se pela natureza exploratória com base qualitativa. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem o objetivo de familiarizar o pesquisador com o problema, tornando-o mais explícito ou constituindo hipóteses. Trata-se de pesquisa que visa o aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Com base nisso, foi aplicado um questionário com os bibliotecários do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias a fim de identificar quais as competências em informação exigidas aos bibliotecários no processo de formação e desenvolvimento de coleções de uma biblioteca universitária, coletando os dados mais significativos para a pesquisa.

### 4.1 CAMPO DA PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA

A pesquisa foi realizada com os bibliotecários do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias. A população deste estudo compreende os bibliotecários do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias, totalizando seis bibliotecários. A amostra é composta pelos bibliotecários membros da coordenação do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias na gestão de 2014 a 2016. Cabe ressaltar que os cargos de assessora acadêmica e de orientadora deste trabalho coincidiram à época da coleta de dados e, por isso, optou-se por não a inserir na amostra. Sendo assim, chegou-se ao total de cinco membros, sendo:

- a) 1 Coordenadora;
- b) 1 Vice-Coordenadora;
- c) 1 Secretário;
- d) 1 Diretora de Comunicação;
- e) 1 Assessor Técnico.

Essa escolha se dá em função da necessidade de analisar as principais habilidades necessárias para competência em informação ao formar e desenvolver coleções para

estudantes, docentes e pesquisadores em uma universidade. Cabe ressaltar que a escolha desses sujeitos coincidia com a representatividade com a comunidade biblioteconômica, especialmente daqueles que possuem interesse em nível de pesquisa ou prática das atividades relacionadas ao desenvolvimento de coleções.

#### 4.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

O presente trabalho utilizou de duas técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica e questionário. A pesquisa bibliográfica foi realizada em fontes de informação, cujo conteúdo fosse pertinente às temáticas e assuntos relacionados ao referencial teórico do trabalho.

Quanto à etapa empírica do trabalho, os dados foram coletados por meio de um questionário eletrônico, elaborado no formato do *Google Forms* (ferramenta que permite a elaboração e aplicação de formulários *online*), e enviado aos bibliotecários selecionados para a composição da amostra (apresentado no APÊNDICE A). Com efeito, indica-se que foram enviados dois e-mails de solicitação para que eles respondessem (ambos no mês de julho). Indica-se que a escolha por um questionário eletrônico se deu pela distância geográfica dos sujeitos, localizados nas regiões Norte, Sudeste e Sul do Brasil.

O questionário foi organizado com 6 questões fechadas e abertas, além da pergunta que iniciava o documento com o termo de consentimento livre e esclarecido.

A questão inicial do questionário solicitava a confirmação de ciência dos bibliotecários sobre o uso das informações obtidas no estudo, ressaltando que elas somente poderão ser publicadas com finalidade acadêmica, além de ressaltar a participação voluntária de cada um.

As questões 2 e 3 buscam identificar em qual área da Biblioteconomia e Ciência da Informação os profissionais atuam e há quanto tempo exercem essa função. O objetivo dessa pergunta foi confirmar se os bibliotecários exercem atividades profissionais relacionadas à formação e desenvolvimento de coleções e quanto tempo de experiência eles tem nessa atividade.

A questão 4 apresenta a definição da *American Library Association* (ALA) sobre competência em informação, já utilizada como base neste estudo, questionando-os sobre se considerarem competentes em informação. Em seguida, a questão 5 associa o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias com a competência em informação. A questão busca visualizar o entendimento dos bibliotecários sobre a área de estudo abordada e a sua opinião sobre a importância de relacionar e desenvolver a



competência em informação no processo de desenvolvimento da política de formação e desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias.

As questões 6 e 7 buscavam responder o objetivo geral desta pesquisa. A questão 6 procurou identificar quais as principais habilidades consideradas por esses profissionais como competências a serem desenvolvidas para a atuação do bibliotecário na formação e desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias. A questão 7 buscava entender o que a criação do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções acrescentou em relação a competência em informação desses profissionais.

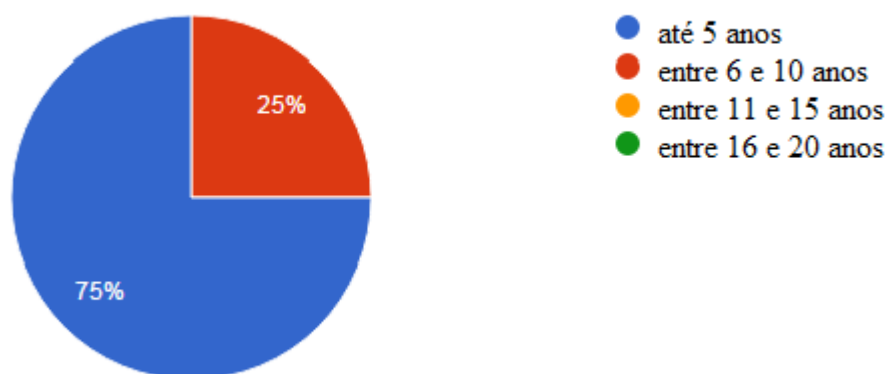
O questionário foi submetido aos 5 sujeitos no período de junho/julho de 2016, foram enviados um total de 2 e-mails e 4 pessoas retornaram a pesquisa. Os dados coletados foram organizados, estudados e contrastados com o referencial teórico e por fim, foram apresentadas as habilidades que os bibliotecários percebem quanto competências que devem ser e/ou já são desenvolvidas no processo de formação e desenvolvimento de coleções e de que forma o Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções tem ajudado nesse sentido.

## 5 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

De forma a atender o objetivo proposto neste trabalho, buscou-se, por meio do questionário, delinear o perfil dos bibliotecários do Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções, assim como verificar as necessidades que eles percebem no que tange à competência em informação que devem ser ampliadas no processo de desenvolvimento de coleções. Para isso, foi enviado um questionário, elaborado no *Google Forms*, por e-mail no período de 2 a 11 de julho de 2016 aos bibliotecários selecionados. O questionário foi respondido por quatro dos cinco bibliotecários. Cabe ressaltar que essa quantidade, embora pareça restrita, representa 80% da amostra estudada.

Sobre a atividade profissional dos bibliotecários, a pesquisa mostrou que todos eles trabalham atualmente com desenvolvimento de coleções, e por isso fazem parte do CBDC. A maioria atua na área há 5 anos ou menos (como representa o Gráfico 1), podendo tratar-se de recém-formados ou pessoas que podem ter ingressado recentemente na universidade ou ainda na seção de desenvolvimento de coleções.

Gráfico 1 – Tempo trabalhado na área de desenvolvimento de coleções



Fonte: A autora.

A quarta pergunta estava orientada para a percepção dos próprios bibliotecários com relação às suas competências em informação. De acordo com a definição da ALA de que "[...] as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois, sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a

informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela" (DUDZIAK, 2003). Todos os respondentes indicaram que se consideram competentes em informação. A análise dessas respostas pode ser observada sob duas perspectivas. Se por um lado, os bibliotecários podem ter respondido que sim de forma a corresponder às expectativas deste trabalho; por outro lado, indica-se que os profissionais que atuam nessa área têm a necessidade de aprendizagem continuada.

Sobre a necessidade da competência em informação para as habilidades requeridas no processo de desenvolvimento de coleções, indica-se que um respondente disse não ser essencial. Pode-se inferir sobre essa discordância que este bibliotecário (a) pode ter naturalizado a competência em informação de tal forma que não a veja de forma separada como uma competência a ser adquirida. Outro ponto, é que este bibliotecário (a) pode considerar o processo de desenvolvimento de coleções de forma técnica, não sendo possível observar as relações de aprendizagem envolvidas nesse processo.

No que se refere às principais habilidades a serem desenvolvidas para ser competente em informação no processo de desenvolvimento da política de formação e desenvolvimento de coleções, os bibliotecários consideraram:

- a) ser interessado e ter atitude;
- b) procurar aprender e aprender constantemente;
- c) ser organizado;
- d) conhecer seu público;
- e) conhecer sua instituição;
- f) identificar as necessidades e demandas informacionais da comunidade universitária;
- g) aprimorar seus conhecimentos e aplicá-los;
- h) estar em constante renovação;
- i) avaliar a tomada de decisão;
- j) compartilhar conhecimentos;
- k) conhecer o histórico de construção da coleção;
- l) observar a legislação vigente;
- m) conhecer as áreas de conhecimento que a biblioteca abrange;
- n) descrever, buscar e recuperar a informação em bancos e bases de dados existentes;
- o) sistematização da informação;

- p) diferenciar suportes e formatos de registro;

Sobre as competências que os bibliotecários respondentes consideram como habilidades a serem desenvolvidas no processo de formação e desenvolvimento de coleções identificou-se a predominância das competências na área de gestão ligadas à administração de recursos financeiros e ações de acordo com a legislação, competências comunicativas de compartilhamento e pro atividade, competências em trabalhar com as tecnologias da informação e competências na seleção de fontes, canais e tecnologias adequadas para solucionar as necessidades informacionais dos usuários de informação.

De acordo com Campello (2003 apud VITORINO, 2007) a sociedade da informação é um ambiente em constante transformação que exige novas habilidades para nele sobreviver, e nesse sentido trafega o movimento da Competência em Informação. Em um período onde as tecnologias de informação e comunicação proporcionam o aumento cada vez maior de acesso à informação e profundas mudanças na educação, os bibliotecários se vêem desafiados a planejar um futuro proporcionalmente superior para os ambientes informacionais.

Na análise das habilidades consideradas pelos respondentes da pesquisa e relacionando-as com os objetivos propostos e fundamentação teórica deste trabalho, um bibliotecário deve possuir interesse e atitude para que se desenvolva uma postura de aprendiz autônomo com uma atitude mais proativa de quem procura a informação que necessita para resolver problemas ou tomar decisões, além de manter-se atualizado. Assim, a aprendizagem contínua possibilita que o profissional assuma a responsabilidade por seu próprio aprendizado, entendendo que este é um processo contínuo em sua vida. Para isso, torna-se essencial saber usar a informação a seu favor (DUDZIAK, 2003).

De acordo com o relatório "*Competencies for Special Librarians of the 21st Century*": “[...] um bibliotecário deve fazer uso de seus conhecimentos para selecionar os melhores recursos de informação impressos e eletrônicos para o acervo de sua biblioteca e atender a demanda de informação de seus usuários com o recurso de informação mais adequado e no tempo certo.” (SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION, 1996). Nesse contexto, observa-se que o aprimoramento contínuo dos conhecimentos dos bibliotecários e a aplicação no seu “fazer” diário é essencial, principalmente, diante das mudanças do físico para o virtual e a crescente interação no mundo digital. O cenário exige que o bibliotecário se familiarize com as várias mídias de informação, agregando valor aos serviços de informação disponíveis para seus usuários (DUDZIAK, 2003).

Conhecer a instituição que biblioteca está inserida é imprescindível no desenvolvimento de coleções. No caso da biblioteca universitária essa habilidade auxiliará no levantamento das matrizes curriculares e a bibliografia correspondente dos cursos de graduação, pós-graduação e outros projetos e programas de extensão e pesquisa oferecidos pela universidade para direcionar as políticas de acordo com os padrões e critérios exigidos na instituição (WEITZEL, 2013).

Identificar as necessidades e demandas informacionais da comunidade universitária é fundamental para selecionar quais itens serão adquiridos. Essa habilidade exige que o bibliotecário saiba identificar os itens de interesse para compor o acervo de acordo com o perfil da comunidade e a missão institucional. É preciso ter uma visão panorâmica das coleções existentes e do que existe produzido na área para que se possa formar uma coleção que atenda a comunidade em geral. Dessa forma, terão respaldadas as ações pelas políticas que o ajudarão a acolher os interesses de acordo com as diretrizes já definidas e acordadas anteriormente (WEITZEL, 2013).

Nota-se a comunicação essencial no compartilhamento e na construção do conhecimento. Os bibliotecários que sabem comunicar apropriadamente suas ideias e tem abertura para dialogar e compartilhar com outros profissionais mantem-se atualizados e articulam melhor os recursos não só no processo de desenvolvimento de coleções, mas em outros setores da biblioteca.

Com a sistematização da informação, o bibliotecário pode analisar e organizar os dados em um sistema, colocando a informação em ordem, e assim, construindo e implementando estratégias de busca que funcionem de maneira efetiva na sua recuperação em diferentes suportes e formatos, descrevendo, buscando e recuperando a informação através de bancos e bases de dados existentes.

Quando questionados sobre a influência da participação no Comitê para o desenvolvimento da competência em informação dos bibliotecários, todos afirmaram ser muito importante e positiva. De acordo com os respondentes, o CBDC aprimora os conhecimentos em desenvolvimento de coleções, as melhores práticas da área e o compartilhamento de conhecimentos, influenciando na aprendizagem contínua. Indica-se que um respondente enfatizou que o Comitê auxiliou no aprimoramento de suas competências no que tange à avaliação da informação de forma a possibilitar o desenvolvimento de coleções relevantes e acessíveis aos usuários.

Há que se considerar a influência do Comitê como órgão que representativo em nível nacional tanto nas políticas e diretrizes para as equipes de desenvolvimento de coleções

universitárias de todas as esferas, quanto em seu papel fundamental no desenvolvimento das habilidades de seus membros. Identifica-se que as reuniões e eventos promovidos pelo Comitê podem ser consideradas iniciativas que procuram promover a competência em informação por meio de relatos de experiência, debates e divulgação das experiências que estimulam os profissionais a assumirem posturas mais críticas, lidando de forma mais reflexiva tanto com os diversos recursos informacionais existentes, como na busca, recuperação, avaliação e disseminação da informação.

Na análise dos resultados obtidos com a pesquisa e relacionando-os com os objetivos propostos e a fundamentação teórica deste trabalho, considera-se que o desenvolvimento da competência em informação dos bibliotecários envolvidos com a formação e desenvolvimento de coleções no contexto de bibliotecas universitárias tem caráter relevante a medida que os faz ter atitudes, conhecimentos e habilidades para alcançar o objetivo da instituição e formem coleções voltadas as necessidades dos usuários.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho pode-se notar que a competência em informação se apresenta como uma habilidade essencial a ser desenvolvida tanto pelos bibliotecários, quanto pelos outros profissionais que também utilizam a informação em suas demandas profissionais na sociedade contemporânea.

O trabalho realizado pretendeu compreender quais são as habilidades que devem ser desenvolvidas pelos bibliotecários universitários durante o processo de formação e desenvolvimento de coleções no que tange a competência em informação. No percurso deste trabalho pode-se notar a necessidade do desenvolvimento de pesquisas relacionadas à competência em informação dos profissionais bibliotecários, começando desde a graduação (com a inclusão dessa temática como disciplina nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia) até a iniciativa de profissionais já formados em interessar-se pelo aprendizado contínuo, procurando compartilhar saberes sobre a área em sua atuação profissional.

Assim, ressalta-se que o estudo sobre a competência em informação no processo de formação e desenvolvimento de coleções ainda é pouco explorada na literatura científica e na prática do campo de estudos da informação.

Este trabalho visa também uma possível contribuição para os debates realizados pelo Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções (CBDC) da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), acrescentando a importância da competência em informação no desenvolvimento de coleções, incentivando-os a promover pesquisas na área e auxiliando em suas pesquisas sobre as formas mais adequadas de desenvolver coleções nas bibliotecas universitárias.

A partir dos esclarecimentos que este trabalho proporcionou, pretende-se que os bibliotecários brasileiros sejam mais estimulados a pesquisar e explorar sua competência em informação, especialmente na perspectiva da área de desenvolvimento de coleções. Dessa forma, espera-se contribuir para a consolidação do processo de aprendizagem contínua a fim de possibilitar o desenvolvimento pessoal do profissional, da comunidade e das coleções.

Por fim, indica-se como possibilidade de futuras pesquisas o estreitamento do laço com o Comitê para a criação e proposta de iniciativas que promovam a competência em informação no escopo do desenvolvimento de coleções e nas discussões dos bibliotecários envolvidos.

## REFERÊNCIAS

- ALBA, Alexia Larissa. **Competência em Informação dos Bibliotecários da EMBRAPA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em)- Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.pantheon.ufrj.br/handle/11422/162>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- BEIRÃO, Angela G. A. Beirão. Angela G. A. Beirão: Na vida é preciso ter coragem para ser... **Pensador**, 20---. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTMxODMz/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.
- BUENO, Katiussa Nunes. Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções. In: MESA REDONDA SOBRE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES ELETRÔNICAS EM BIBLIOTECAS, 2016, Rio de Janeiro. **Apresentação**. Rio de Janeiro, 2016.
- BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. Tradução: Almiro Piseta. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2016.
- CARTA de Marília. In: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: cenários e tendências. 3., 2014, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: UNESP, 2014. Não paginado.
- COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. Meus blogs: sobre mim. [Rio de Janeiro], 2012. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/16371246896234073556>>. Acesso em: 13 de jul. 2016.
- DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Sistema de Informação, Muticulturalidade e Inclusão Social. 24., 2011, Maceió, **Anais...** Maceió: FEBAB, 2011. Não paginado.
- DIAS, Geneviane Duarte; SILVA, Terezinha Elisabeth da; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Políticas de informação nas bibliotecas universitárias: um enfoque no desenvolvimento de coleções. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 1, 2013.
- DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n.1, p. 23-35, jan./abr. 2003.
- EVANS, G.E. **Developing library and information center collection**. 4. ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2000.
- FAGUNDES, SILVANA A.; VALENTIM, MARTA LÍGIA. Processo de formação e desenvolvimento de coleções: a informação eletrônica e a necessidade de aquisição de backfiles. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 16., 2010, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: [http://www.sibi.ufrj.br/snbu2010/pdfs/orais/final\\_482.pdf](http://www.sibi.ufrj.br/snbu2010/pdfs/orais/final_482.pdf). Acesso em: 18 jul. 2016.



FÓRUM SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, 1., 2015, Rio de Janeiro. **Relatório...** Rio de Janeiro: UNIRIO; UFRJ, 2015. Não paginado. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/danielaspudeit/relatrio-i-frum-sobre-competncia-em-informao-rio-de-janeiro-2015>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HORTON JUNIOR, F. W. **Overview of information literacy resources worldwide**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <[www.unesco.org/new/fileadmin/.../overview\\_info\\_lit\\_resources.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/.../overview_info_lit_resources.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. **Proposta inicial de trabalho do IBICT: competência em informação**. In: SEMINÁRIO SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO ENANCIB, 2., 2015, João Pessoa. Brasília, DF: IBICT, 2015. Não paginado.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. **Relatório geral do evento**. In: SEMINÁRIO SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO ENANCIB, 1., 2014, Belo Horizonte. Brasília, DF: IBICT, 2014. Não paginado.

LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen. Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 21-46, dez. 2006.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciencia; Niterói: Intertexto, 2006.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, Florianópolis, 2013. **Anais...** Florianópolis: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, 2013. Não paginado.

MATTOS, Ana Maria; DIAS, Eduardo José Wense. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: uma abordagem quantitativa. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.14, n. 3, p. 38-60, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n3/04.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2016.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 87-94, jan./abr. 2007.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 01-19, jan./jun. 2007.

OBAMA, B. **National Information Literacy Awareness Month, 2009**: a proclamation. Tradução: Carolina Santana. Washington, DC: White House, 2009. Não paginado.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. O Bibliotecário e a Competência Informacional. **Informação & Sociedade**: Est., João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 25-32, maio/ago. 2013.

SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION. **Competências para os bibliotecários do século 21**. [Rio de Janeiro], [20--] Disponível em: <http://bibliodata.ibict.br/geral/docs/padronizacao.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de Coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989. Disponível em: <<https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/livro-desenvolvimento-de-colec3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

VITORINO, Elizete Vieira. Competência Informacional do Profissional da Informação Bibliotecário: construção social da realidade. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 24, p. 59-71, 2. sem. 2007.

WEITZEL, Simone R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61 - 67, jan./jun. 2002.

WEITZEL, Simone R. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez. 2012.

WEITZEL, Simone R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. 2. ed. Niterói, Intertexto, 2013.

ZATTAR, Marianna; SÁ, Nysia Oliveira de. Práticas de Competência em Informação na literatura nacional. In: SIMEÃO, E. L. M. S.; BELLUZZO, R. C. B. (Coord.). **Competência em informação**: teoria e práxis. Brasília, DF: UNB, 2015. p. 123-134.

## APÊNDICE A – ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO

1. Fui informado (a) de que estão garantidos e assegurados o sigilo e o anonimato, que os dados serão gravados e usados apenas para fins do estudo, que a guarda dos mesmos é de responsabilidade da graduanda e que a divulgação dos resultados ocorrerá sob a forma de publicações científicas. Concordo em participar voluntariamente neste estudo e declaro que todas as minhas dúvidas foram respondidas. Ressalto que embora esteja concordando em participar, não estou desistindo de nenhum direito. Li e concordo com o termo de consentimento livre e esclarecido:

( ) Sim

( ) Não

2. Você trabalha com desenvolvimento de coleções?

( ) Sim

( ) Não

3. Há quanto tempo você trabalha com desenvolvimento de coleções?

( ) até de 5 anos

( ) entre 6 e 10 anos

( ) entre 11 e 15 anos

( ) entre 16 e 20 anos

4. De acordo com a American Library Association (ALA) "[...] as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela". (DUDZIAK, ano, p.). Sendo assim, você se considera competente em informação?

( ) Sim

( ) Não

5. Você considera que no processo de desenvolvimento da política de formação e desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias é essencial ser competente em informação?

( ) Sim

( ) Não

6. Quais são as principais habilidades necessárias à competência em informação no processo de desenvolvimento da política de formação e desenvolvimento de coleções de bibliotecas universitárias?

7. Qual a influência da participação no Comitê Brasileiro de Desenvolvimento de Coleções para o desenvolvimento da sua competência em informação?